

Marxismo e Filosofia da Linguagem:
problemas fundamentais do Método
Sociológico na Ciência da Linguagem



- Sergei Botcharov
Moscou – faleceu em
06/03/2017

Ideologia

“Entendemos por ideologia todo o conjunto de *reflexos e refrações no cérebro humano* da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma *sígnica*.”

VOLÓCHINOV, V. N. Stilístika khudójestvennoi rietchi. Statiá pervaia, Tchto takóie iazik? (O que é a linguagem?) *Literatúrnaia utchióba. Jurnál dliá samoobrazovániia* [Estudo da literatura. Revista para auto-formação], n. 2, p. 48-66, Moscou-Leningrado, 1930.

Semiótica e filosofia da linguagem em Chpet

Respondendo à teoria da linguagem de Humboldt e à fenomenologia de Husserl, o autor de MFL e Chpet trabalharam com alguns desafios teóricos comuns no terreno da filosofia da linguagem:

- 1) Lidaram com a questão comum de saber como o sujeito se relaciona com a alteridade do mundo exterior (RADUNOVIC, 2009);
- 2) Buscaram uma resposta para a natureza do sentido na linguagem;
- 3) Procuraram identificar a constituição do sujeito com base na formação da consciência linguística.

como o sujeito se relaciona com a alteridade do mundo exterior

O primeiro problema é enfrentado por Chpet por meio do conceito de forma interna da palavra e a constituição cultural da significação. A forma interna é entendida como “a regra de sua formação” ou “procedimento, método e princípios de seleção, lei e fundamento da criação lógico-verbal a serviço da expressão, da comunicação, da transmissão de sentido”(CHPET, 2009[1927], p. 98). Chpet busca fugir do que ele chama de subjetivismo de Kant, para quem o conceito do objeto é uma criação espontânea das leis da razão, acarretando no fato de que “o sujeito (razão) usurpou o direito dos objetos, tirando deles toda a origem (...), a existência autônoma deles.” ”(CHPET, 2009[1927], p. 135).

como o sujeito se relaciona com a alteridade do mundo exterior

Seguindo Humboldt, Chpet assume que a forma interna é uma *energeia*, um desenvolvimento constante que faz a mediação entre as formas externas (fonológicas e morfológicas) e as formas do objeto do conteúdo material. Essa *energeia* é de natureza coletiva, social, o que garante certa estabilidade ao sujeito na sua relação com o mundo material: “As formas internas são as leis e algoritmos objetivos do sentido existente, essas são formas mergulhadas na própria existência cultural e sua organização interna.” O objeto torna-se social pela significação, ato hermenêutico. (p. 203-204). Chpet tenta garantir uma autonomia para o mundo material independente do sujeito.

Língua é sentido

Chpet concebe a linguagem humana pela sua capacidade de produzir sentido, assim como em MFL, para quem “a abstração do significado da palavra nos leva a perder de vista a própria palavra, restando apenas o seu som físico e o processo fisiológico da sua pronúncia. É a significação que faz com que uma palavra seja uma palavra.” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p.117). Esta formulação é muito próxima das reflexões de Chpet em “Fragmentos filosóficos” (CHPET, 2007[1922-1923]), levando-nos a pensar ser esta uma das influências de MFL nesta questão.

Ambos os pensadores diferem na orientação da constituição do sentido da linguagem

Chpet procura garantir a autonomia do mundo material em relação à atividade constitutiva do sujeito, por meio do componente lógico da forma interna da palavra. Essa orientação faz com que o filósofo estabeleça uma distinção entre o componente ontológico na linguagem, pois é na relação entre linguagem e mundo que se dá a constituição do sentido, e a “cossignificação” que é a função expressiva e secundária responsável pelas representações individuais e subjetivas. >

> Essa distinção entre forma lógica e forma expressiva orienta a divisão operada por Chpet entre duas disciplinas científicas: a filosofia da linguagem se ocupa do sentido lógico e objetual da linguagem, tanto em sua expressão ideal quanto real; e a psicologia étnica estuda o modo particular como um povo expressa a sua relação com a natureza, consigo próprio, com os outros e com a cultura; aqui a significação é tomada como a “expressão” ou modo espiritual concreto de dado povo.

- Em MFL, signos ideológicos são constituídos no processo de interação social em que os interesses das diversas classes sociais direcionam o processo de construção das representações materializadas na palavra, ou seja, a relação entre o sujeito e a realidade ocorre mediada pela interação entre sujeitos sociais, na qual os signos ideológicos são engendrados. Esses signos, por sua vez, constituem a vivência psíquica, ao fazerem a mediação entre o homem e o meio exterior.
- Em MFL, a significação se localiza entre os falantes e o significado objetual é determinado e transformado pela avaliação social e histórica. Enquanto em Chpet o componente valorativo é secundário e pode ser distinto do conteúdo ontológico, em MFL não só esses dois componentes são indissociáveis, quanto a avaliação precede e determina o conteúdo objetual. Consequentemente, na filosofia da linguagem de MFL o sentido lógico e objetual só existe na relação com o modo como dado povo se relaciona com a realidade natural e cultural.

- CHPET, G. G. *Vnútrenniaia forma slova: etiudy i variatsii na temy Gumboldta*. (A forma interna da palavra: estudos e variações em temas de Humboldt). 4. ed. Moscou: Kníjnyi dom «Librokom», 2009[1927].
- _____. *Vvedénie etnítcheskuiu psikhológuiu*. (Introdução à psicologia étnica). Moscou: Gossudárstvennaia Akademiia Khudójestvennykh nayk, 1927.
- _____. *La forme interne du mot. Études et variations sur des thèmes de Humboldt*. Trad. N. Zavialoff. Paris: Kimé, 2007.
- _____. *Estetítcheskie fragmenty*. In: *Isskústvo kak vid znániia. Ízbrannye trudy po filossófii kultury*. (Fragmentos estéticos. A arte como um aspecto do conhecimento. Trabalhos escolhidos em filosofia da cultura). Moscou: Rosspen, 2007 (1922-1923).
- _____. Excerpts from “Germenevtika i ee problemy”. In: TIHANOV, G. (Ed.) *Gustav Shpet’s contribution to philosophy and cultural theory*. Indiana: Purdue University Press, 2009 [1918]. p. 228-245.

MFL 3a. parte

TERCEIRA PARTE – PARA UMA HISTÓRIA DAS FORMAS DO ENUNCIADO NAS CONSTRUÇÕES DA LÍNGUA

**(Experiência de aplicação do método sociológico aos
problemas sintáticos)**

Linguística x Método sociológico

- de todas as formas da língua, as *sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas do enunciado*, isto é, das dos discursos verbais concretos.
- *o pensamento linguístico perdeu definitivamente a percepção do todo discursivo.*
- todas as partes mais ou menos acabadas do enunciado monológico carecem de definições linguísticas. Isso acontece com os *parágrafos*, que são separados uns dos outros por alíneas.
- essência linguística dos parágrafos - análogos às réplicas de um diálogo. É como se fosse *um diálogo enfraquecido que passou a integrar de um enunciado monológico.*

Discurso alheio em perspectiva sociológica

- Um dos fenômenos “chave” extremamente produtivos é o assim chamado *discurso alheio*, isto é, aqueles modelos sintáticos (“discurso direto”, “discurso indireto”, “discurso indireto livre”), a modificação desses modelos e as variações dessas modificações que encontramos na língua para a transmissão dos enunciados alheios e para a inserção desses enunciados, justamente como alheios, num contexto monológico coerente.
- *Problematizar o fenômeno de transmissão do discurso alheio em uma perspectiva sociológica*

Discurso relatado na perspectiva bakhtiniana

- 1) Discurso no discurso – independência do DR e relação com o contexto transmissor
- 2) Discurso sobre o discurso – diálogo entre o contexto transmissor e o discurso alheio
- 3) Influência dos campos e gêneros – finalidades específicas e estatuto atribuído ao co-enunciador do discurso

Classificação: Estilos (pictórico, linear) > Modelos (direto, indireto, indireto livre) > Modificações

O que dizem nossas gramáticas

1) Discurso relatado associado ao discurso literário:

“Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes lingüísticos diversos, conhecidos pelos nomes de: discurso (ou estilo) direto; discurso (ou estilo) indireto; discurso (ou estilos) indireto livre.”(Cunha & Cintra, 1985, p. 617)

2) Abordagem semelhante:

DD – reproduz estilo e conteúdo, verbos de elocução, recursos gráficos (aspas, travessão), estrutura sintática justapositiva

“Deu tudo certo”, Cakoff disse aliviado no fim da reunião para discutir o prêmio da crítica, ontem de manhã (OESP, 30/10/2003, D5).

DI – conteúdo da fala alheia, verbo de elocução, oração subordinada substantiva.

No fim da reunião para discutir para discutir o prêmio da crítica, ontem de manhã, Cakoff disse aliviado que tinha dado tudo certo.

DIL – limite atenuados entre os discursos do narrador e da personagem, transposições características do discurso indireto (pretérito imperfeito no lugar do presente, 3a. Pessoa no lugar da primeira etc.)

Tinha dado tudo certo! Cakoff respirou aliviado no fim da reunião para discutir o prêmio da crítica, ontem de manhã.

Limites da abordagem gramatical

- 1) DR não se restringe às narrativas literárias
- 2) Outro ato de enunciação – implicações para a dêixis enunciativa (pessoa, tempo, lugar)
- 3) Não há abordagem do diálogo entre o contexto transmissor e o discurso relatado
- 4) DD, DI e DIL não compreendem a totalidade das formas de DR

Estilo linear

Essa primeira orientação da dinâmica da orientação discursiva mútua entre o discurso autoral e o alheio poderia ser chamada, recorrendo ao termo de Wölfflin usado na crítica da arte, de *estilo linear* (der lineare Stil) de transmissão do discurso alheio. A sua tendência é a criação de contornos claros e exteriores do discurso alheio diante da fraqueza da sua individualização interior. À vista da homogeneidade total e estilística de todo o contexto (o autor e os seus protagonistas se expressam do mesmo), o discurso alheio alcança, do ponto de vista gramatical e composicional, um isolamento máximo e uma solidez escultural.

Estilo pictórico

Na segunda tendência da dinâmica da mutua-orientação entre o discurso autoral e o alheio, percebemos processos de caráter diametralmente opostos. A língua elabora os meios de introdução mais sutil e flexível da resposta e do comentário autoral no discurso alheio. O contexto autoral tende a decompor a integridade e o fechamento do discurso alheio, à sua dissolução e ao apagamento das suas fronteiras. Podemos chamar esse estilo de transmissão do discurso alheios de *pictórico*. Ele tende a apagar os contornos nítidos e exteriores da palavra alheia. Nesse caso, o próprio discurso é muito mais individualizado e a percepção dos diferentes aspectos do enunciado alheio pode ser extremamente aguçada. Percebe-se não apenas o seu sentido objetual, a afirmação nele contida, mas também todas as particularidades linguísticas da sua encarnação verbal.

Em seu experimento, Pechkóvski defende também a imutabilidade do enunciado alheio e da sua transmissão totalmente literal, mas, ao mesmo tempo, tenta aplicar a ele o **modelo do discurso indireto**. O resultado obtido de modo algum prova que a transmissão indireta não seja própria da língua russa. Pelo contrário, ele prova que, apesar da sua pouca elaboração, o discurso indireto é tão original na língua russa que nem todo discurso direto pode ser transposto liberalmente para o indireto.

O erro de Pechkóvski analisado por nós evidencia mais uma vez o prejuízo metodológico da ruptura entre a gramática e a estilística.

Modificações do discurso indireto

Modificação analítico-objetual: (“predmiétno-analitítcheskaia modifikátsia”, p. 153 – em francês, “analytico-objectale” p. 397; em espanhol, “modalidade analítico-temática” p. 202 - em italiano “variante analítico-oggettuale” p. 259 - em inglês “referente-analysing modification” p. 130) A modificação analítico-objetual percebe o enunciado alheio no *plano puramente temático* e tudo que não possui nenhum significado temático simplesmente deixa de ser ouvido, captado por ela. A modificação analítico-objetual abre grandes possibilidades às tendências de réplica e comentário do discurso do autor, mantendo, ao mesmo tempo, *uma distância nítida e rígida* entre a palavra do autor e a alheia. Graças a isso, ela se constitui em um meio excelente para o estilo linear de transmissão do discurso alheio

Modificação analítico-verbal: (“sloviésno-analitítcheskaia modifikátsia” p. 154, em francês “analytico-verbale”, p. 397, em espanhol “modalidade analítico-discursiva” p. 204 – em italiano “variante analítico-verbale” p. 260 – em inglês, “texture-analysing modification” p. 131) Ela introduz, na construção indireta, palavras e modos de dizer do discurso alheio, que caracterizam a fisionomia subjetiva e estilística do enunciado alheio enquanto expressão. Essas palavras e modos de dizer são introduzidas de forma que o seu caráter específico, subjetivo e típico seja percebido com clareza, sendo que o mais comum é que eles sejam colocados entre aspas.

Modificações do discurso indireto

É necessário diferenciar essa modificação do discurso indireto dos casos em que o discurso indireto passa imediatamente para o direto, embora as suas funções sejam quase idênticas: quando o discurso direto continua o indireto a sua (de quem?) subjetividade discursiva torna-se mais clara, sendo que isso ocorre na direção que o autor precisa.

Na língua russa, ainda pode ser apontada uma terceira modificação, bastante importante, da construção indireta que é usada principalmente para transmitir o discurso interior do personagem, seus pensamentos e sentimentos. Essa modificação trata do discurso alheio com muita liberdade, abreviando-o e às vezes apenas apontando os seus temas e dominantes e, por isso, pode ser chamada de impressionista. (“impressionistícheskaia modifikátsia” p. 156; em francês, “modification impressionniste” p. 403; em espanhol, modalidade impressionista” p. 208; em inglês, “impressionistic modification” p. 133; em italiano, “variante impressionistica” p. 263)

O modelo do discurso direto (“chablón priamói riétchi” p. 157; em francês, “le modèle du discours direct” p. 405; em espanhol, “El modelo de discurso directo” p. 208; em inglês, “the pattern of direct discourse p. 133; em italiano, “el modelo del discorso diretto” p. 263) – é muito comum na linguagem literária, possuindo diversas variantes. Nas obras literárias antigas, esse modelo se constituía em um bloco sólido e volumoso e, nas obras contemporâneas, a sua intromissão no contexto autoral é mais flexível e ambígua. O autor de MFL menciona uma modificação em que o discurso autoral ataca o discurso alheio, mas se concentra na descrição daquelas modificações em que ocorre uma contaminação mútua entre o contexto autoral e o discurso alheio.

Modificação Discurso direto preparado (“podgotóvlennaia priamáia rietch” p. 157-158; em francês, “discours direct préorganisé” p. 405; em espanhol, “discurso directo predeterminado” p. 209-210; em inglês, “preset direct discourse p. 134; em italiano, “discorso diretto preparato” p. 264) – é uma modificação do modelo do discurso direto em que o discurso do autor e o discurso alheio se contaminam mutuamente. O discurso direto antecedido pelo indireto ou pelo indireto livre são os tipos mais comuns dessa modificação.

Modificação Discurso direto reificado
(“oveschestvliónnaia priamáia rietch”, p. 158-159; em francês, “discours direct réifié” p. 407; em espanhol, “estilo directo reificado” p. 210; em inglês, “particularized direct discourse” p. 134; em italiano, “discorso diretto reificato” p. 265) – é uma modificação em que o autor fornece rica descrição do personagem, que se torna mais importante do que o conteúdo da sua fala. A diminuição do peso semântico da palavra alheia é inversamente proporcional ao aumento do seu caráter original e pitoresco.

Modificação Discurso direto retórico (“rítorítcheskaia priamáia riétch”, p. 162; em francês “le discours direct rhétorique”, p. 413; em espanhol) - é uma modificação linear do discurso direto, de caráter persuasivo, que se aproxima do discurso indireto livre. São variantes dessa modificação a **interrogação retórica** (“rítorítcheski vopros”, p. 162; em francês, “la question rhétorique”, p. 413) e a **exclamação retórica** (“rítorítcheskoie vosklitsánie”, p. 162; em francês, “l’exclamation thétorique rhétorique”, p. 413;) que se encontram no limite entre o discurso do autor e o alheio, podendo ser interpretadas tanto quanto a fala de um, quanto a do outro. No entanto, a atividade do autor prevalece, uma vez que ele fala em nome do personagem. Outra variante é o **discurso direto substituído** (“zamechióннаia priamáia rietch”, p. 163) em que o autor como que fala no lugar do seu personagem, substituindo o seu discurso e dizendo aquilo que este poderia ou deveria falar. Ambos os discursos – do autor e do personagem - possuem a mesma direção entonativa.

Modelo Discurso indireto livre (“nessóbstvnaia priamaia rietch”, p. 183; em francês, “le discours indirect libre, p. 423; em espanhol, “discurso cuasi directo”, p. 223; em inglês, “quasi-direct discourse”, p. 141; em italiano, “discorso indiretto libero”, p. 273) – as traduções americana e espanhola trazem “discurso quase direto”, enquanto que a francesa e a italiana “discurso indireto livre”. Optamos pela segunda versão, pois, em russo, isso ocorre nos casos em que, no meio do discurso do narrador, aparecem frases ou expressões cuja entonação podem pertencer ao personagem e não ao narrador. O discurso indireto livre expressa uma orientação ativa do discurso autoral em relação ao discurso alheio. Nele as ênfases e as entonações autorais se chocam e interferem nas ênfases da palavra alheia no enunciado, diferentemente do discurso substituído, em que não surgem ênfases novas além daquelas já presentes no contexto autoral. Um caso extremo de discurso indireto livre é a “interpretação absoluta” (“absoliútnoie razýgryvanie”, p. 185-186) na qual o contexto autoral é de tal modo contaminado pela voz alheia que esta última ganha autonomia e se coloca ao lado do autor, isto é, as relações entre o discurso do autor e o do personagem se dialogizam como nas réplicas de um diálogo. Uma variação desse caso extremo é a “interpretação parcial” (“tchastítchnoie razýgryvanie”, p. 186) em que são possíveis passagens entonacionais gradativas entre o discurso autoral e o discurso alheio.

Estilo e normas de transmissão do DR na imprensa

- Imagem normativa da língua portuguesa: língua portuguesa é homogênea e única

“A missão de Eduardo Martins tem de ser cumprida em tempos difíceis, diante do grande estrago causado em atividades que dependem da Língua Portuguesa pelo longo período de trevas em que o ensino no País foi tragado pela falência da máquina pública. Hoje fala-se e escreve-se pior que em gerações passadas. E as redações brasileiras não são nenhum oásis nesse deserto. Mas, se padece da mesma síndrome que ataca nos exames para o vestibular e nos textos de telenovelas, as redações podem e devem se converter em sólidas trincheiras de defesa do conhecimento da língua. O Manual é uma afiada arma nessa guerra. (Maranhão apud Martins, 1997, p. 6)

DR – testemunha autenticadora do relato jornalístico

“O texto conta uma história e usa a personagem para lhe dar veracidade. O leitor tenderá a confiar nas informações que lhe estão sendo transmitidas (não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação) (Martins, 1997, p.86)”

DR – relação com o texto falado

“Na reprodução da declaração textual, seja fiel ao que foi dito, mas, se não for de relevância jornalística, elimine repetições de palavras ou expressões da linguagem oral: um, é, ah, né, tá, sabe? Entende? Viu? Para facilitar a leitura, pode-se suprimir trecho ou alterar a ordem do que foi dito – desde que respeitado o conteúdo. (Manual de redação, FSP, 2001, p. 39)”

“Embora as declarações entre aspas devam transcrever com fidelidade as palavras do entrevistado, adapte o texto às normas gramaticais, acerte as concordâncias, elimine as repetições muito freqüentes e contorne os vícios de linguagem. A menos, claro, que haja alguma razão para se manter literalmente o texto.

(OESP, Martins, 1997, p. 87)

DR na imprensa

- Uso retórico
- Papel normativo da língua
- Norma de “tradução” do discurso relatado sem marcas de oralidade
- DR – discurso indireto com efeito de discurso direto por estar entre aspas ou separado por marcas tipográficas
- Visão corrente – igualdade entre oralidade e escrita

Análise de texto

- 1) Ler reportagem de primeira página “Chacina mata 18 em SP; governo supeita de PMs” e editorial “Inaceitável”. E observar:
 - a) Formas de discurso relatado nos dois gêneros. Há diferenças?
 - b) Há traços de oralidade nos discursos diretos?
 - b) Quem são os autores dos discursos relatados na reportagem da primeira página e no editorial?
 - c) Qual é a posição editorial do jornal em relação aos responsáveis?

Editorial

“Editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. (...)

Nas sociedades capitalistas o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização.

A leitura de editoriais dos jornais diários, por exemplo, inspira-nos a compreensão de que as intuições jornalísticas procuram dizer aos dirigentes do aparelho burocrático do Estado como gostariam de orientar os assuntos públicos. (p. 95-97)

MELO, J.M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

Reportagem

“No jornalismo, a grande notícia – e quase sempre a notícia mais importante – é a reportagem. (...)

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética.

(...) a reportagem é por dever e método a soma das diferentes versões de um mesmo acontecimento. (p. 49-50)

BAHIA, J. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

Gênero discursivo

- Está ligado a uma esfera da atividade humana (jornalismo, ciência, religião, literatura, publicidade etc.) – produção, circulação, recepção.
- Apresenta relativa estabilidade estilística, composicional e temática

Fundamentos bakhtinianos de uma análise comparativa de discursos:

A resistência de uma língua canônica única, respaldada pela unidade ainda inabalável do mito nacional, continua sendo forte demais para permitir que o heterodiscurso relativize e descentralize a consciência linguístico-literária. Essa descentralização verboideológica só ocorrerá quando uma cultura nacional deixar de ser fechada e autossuficiente, quando ela tomar consciência de si mesma entre outras culturas e línguas. (BAKHTIN, 2015, p. 171)

Teoria do romance I. A estilística. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

Apontamentos de 1970-1971. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 367-392.

No campo da cultura, a distância é a alavanca mais poderosa da compreensão. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de *outra* cultura. Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. (...) Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 2003 [1970], p. 366).

Cediscor

Desde o início dos anos 2000, formou-se, no “Centro de pesquisa sobre discursos cotidianos e especializados” (*Cediscor*), um grupo de pesquisadores reunidos em torno de um mesmo objeto, a cultura, e interessados em investigar as “dimensões culturais na produção do discurso por meio de abordagens contrastivas” (CLAUDEL et al, 2013, p.9)

Gêneros

O gênero é um conceito operacional fundamental na metodologia de constituição e interpretação dos *corpora*, pois ele é a invariante de partida ao fornecer o elemento similar necessário à comparação de culturas e ao mesmo tempo o “nível de representatividade” ou fim da descrição e interpretação. Além do aspecto metodológico, a concepção de linguagem como um “conjunto de práticas de comunicação em uma dada sociedade” (BEACCO, 2013, p.166) leva à assunção, proveniente da antropologia linguística, de que as práticas de linguagem são culturais e de que os gêneros discursivos são os lugares de articulação mais imediatos da língua com a cultura ou os funcionamentos da sociedade. “un ensemble des pratiques de communication dans une société donnée.”

Cultura discursiva

P. von Münchow (2013) prefere o conceito “cultura discursiva”, tomado como as manifestações discursivas das representações sociais em circulação em uma determinada comunidade sobre os objetos em sentido amplo e sobre os discursos a respeito desses objetos. Segundo os resultados de pesquisa da autora, o conceito de “cultura discursiva” tem a vantagem de permitir a descrição de traços culturais comuns que ultrapassam uma comunidade etnolinguística.

Individual/Coletivo

A fim de resolver o principal desafio de articular o individual ao coletivo no modo de pensar o discurso na cultura e a cultura no discurso, Von Munchow propõe o conceito de “modelos mentais” de Van Dijk (2012) que compreende a representação subjetiva de contextos pelos interactantes, representações essas que evoluem no tempo e são culturalmente variáveis. Esse modo de articular o individual e o coletivo fornece uma via alternativa para escapar tanto do determinismo quanto do essencialismo. Encontramos elementos para superar essa dicotomia na síntese dialética operada por Bakhtin/Volochinov (1992) que, ao discorrer sobre a relação entre a ideologia (domínio do coletivo) e o psíquico (domínio do individual), propõe que o signo ideológico exterior, por um lado, só existe enquanto tal ao ser absorvido e transformado no psiquismo individual interior, e, por outro, o psiquismo se forma por meio de signos ideológicos exteriores e coletivos.

Divulgação científica

A natureza limiar dos enunciados de divulgação da ciência (entre o científico e o jornalístico, entre o científico e o educacional, entre o científico e o cultural etc.) é responsável, a nosso ver, pelas diferentes designações que esse fenômeno adquire nas duas línguas concernidas: em português, encontramos as designações “divulgação científica”, “popularização da ciência”, “vulgarização científica”, “comunicação científica”; em russo, ocorrem os termos “publicidade científica” (“naútchnaia publitsístika”), “literatura de popularização científica” (“naútchnaia populiárnaia literatura”) ou ainda “revista de informação científica” (“naútchno-informatsiónyi jurnál”).